

*As formas das deusas da antiga Palestina/Israel:
padrões de representação iconográfica
de deusas no Período do Ferro:*

*The forms of ancient Israel/Palestine goddesses:
patterns of iconographic representation
of goddesses in the Iron Age*

Resumo

O artigo apresenta um panorama dos padrões de representação iconográfica de deusas sul levantinas do Período do Ferro I-III, i.e., a região atualmente ocupada pelos estados modernos de Israel, Jordânia e Palestina no período de, aproximadamente, 1130—520 aEC. Destarte, após discutir questões metodológicas na utilização de fontes visuais dessa região e período, o artigo discute duas das principais tensões hermenêuticas do estudo de deusas, especificamente, a conceituação do “feminino”, geralmente essencializado, e do “divino”, geralmente “monolatrizado” na história e arqueologia da religião sul levantina antiga. A partir da discussão conceitual, cinco complexos de ideias advindos da iconografia são discutidos, demonstrando a onipresença e ação multifacetada de deusas em diversos domínios da vida social e privada.

Palavras-chave: Iconografia; sul do Levante; Deusas; Monoteísmo; gênero e religião.

Abstract

The article presents an overview of the patterns of iconographic representation of Southern Levantine goddesses from the Iron Age I-III, i.e., the region occupied by the modern states of Israel, Jordan, and Palestine from approximately 1130-520 BCE. After discussing methodological aspects concerning the use of visual data from this region and period, the paper discusses two of the main hermeneutical tensions in the study of goddesses in the history and archaeology of ancient Southern Levantine religion: the concept of “women,” typically essentialized, and the concept of “divine,” typically “monolatrized.” From this methodological and conceptual discussion,

¹Doutor em ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

¹ Este trabalho foi financiado pela Fundação Nacional de Ciência Suíça (SNSF), via projeto *Stamp Seals from the Southern Levant* (18626), e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Código de Financiamento 001), via Grande Prêmio CAPES de Tese Bertha Koiffmann Becker. Agradeço a Jenna Stover-Kemp e Bruno Biermann que, ao ministrarem comigo o curso “*Sex, Gender, and Empire: Intersectional Approaches to the Bible in the Ancient World*” na Universidade de Basiléia, Suíça, contribuíram com inúmeros *insights* ao tema. Quaisquer falhas, não obstante, são de minha responsabilidade.

five complexes of ideas arising from iconography are discussed, demonstrating the pervasiveness and multifaceted action of goddesses in various domains of private and social life.

Keywords: Iconography; Southern Levant; Goddesses; Monotheism; gender and religion.

Introdução

A tarefa de apresentar a iconografia das deusas do chamado “mundo bíblico”² opera sobre uma linha metodológica tênue. Por um lado, embora sejam vistas como pontes para a alteridade última, divindades são “concebidas, representadas, estabelecidas em locais específicos e construídas por diferentes tipos de ação humana”, tendo sua existência intimamente ligada a fatores históricos e sociais (BONNET et al., 2022, p. 1, minha tradução). Nesse sentido, é importante não desvincular manifestações iconográficas de contextos históricos, vivenciais, sociais e econômicos de produção e uso. Por outro lado, sua interpretação contemporânea também é condicionada culturalmente. Aqueles(as) que interpretam divindades antigas as tra(duz)em³ para o nosso contexto histórico, linguístico e ideacional a fim de torná-las compreensíveis. Nisso, há risco de, ao invés de resgatar informações do passado, projetar nele expectativas e ideologias do presente, deformando suas faces e personalidades.

Portanto, ainda que certa dose de anacronismo seja exigida de historiador(a) da(s) religião(ões), essa deve ser feita com cautela e com conhecimento das dificuldades inerentes à tarefa (LORAUX, 1992).

Ciente dessas dificuldades, discuto nesse artigo os padrões de representação das deusas do sul do Levante antigo (atuais Israel, Jordânia e Palestina) do Período do Ferro I-III (c. 1130—520 aEC).

Para evitar deslizes hermenêuticos, antes explicito a razão para estudar imagens do contexto e, depois, discuto concepções no estudo contemporâneo de deusas desse local e período histórico.

Pré-forma: sobre imagens e exegese bíblica

Por que imagens?

Apesar da habilidade de interpretar imagens não parecer requerida à exegese bíblica, um número crescente de exegetas tem utilizado a arte palestina/israelita antiga nas últimas décadas para informar exegeses (KLEIN CARDOSO, 2021b, 2023a). Haja vista sua utilização ser restrita na exegese latinoamericana, gostaria de apontar três razões para sua utilização e estudo.

² Para problematizações do conceito “mundo bíblico”, veja Klein Cardoso (2021a).

³ Aqui, com a ocultação/revelação tipográfica, remeto ao ditado italiano: *traduttore, traditore* (“tradutor, traidor”).

Primeiro, não apenas “havia imagens em Israel” (SCHROER, 1987), mas fontes visuais são mais abundantes, nesse contexto, do que as textuais. A pressuposição da inexistência de imagens resulta de uma série de preconceitos. Ela se funda, por um lado, na interpretação do texto bíblico e na “proibição de produzir imagens” (*Bilderverbot*). Porém, além de tal proibição ser tardia (DOHMEN, 1987; UEHLINGER, 2019a), ela é fruto de uma ideologia escrita que priorizava o texto como textualidade e imagem de culto (KLEIN CARDOSO, 2020). Dada a centralidade da Bíblia na formação da cultura ocidental, não é surpresa que tal pressuposição gerou uma matriz conceitual que associa; monoteísmo/invisibilidade divina, aniconismo, Escritura e proibição de produzir de imagens (UEHLINGER, 2019a, p. 99–101). Contudo, embora disseminada, essa visão corresponde a uma perspectiva particular, ocidental-protestante de religião (KLEIN CARDOSO, 2023b).

Aliada à pressuposição bíblico-teológica acima, a própria conceituação de “arte” na história da arte marginaliza produções artísticas do sul do Levante antigo. Nessa disciplina, “arte” designa obras visuais ocidentais, “modernas” e autossuficientes, enquanto termos como “artefatos” e “não arte”, são utilizados para obras não-ocidentais, consideradas “primitivas” e “derivativas” (SONIK, 2021). No caso sul levantino, o contraste com a arte egípcia e mesopotâmica também a alteriza por sua menor escala e por ser considerada derivativa e ornamental (HALLOTE, 2020). Como resultado, a arte sul levantina antiga é tida, por definição e preconceito, “não arte”. Contudo, apesar desses preconceitos, é historiograficamente irresponsável negligenciar uma fonte rica e abundante como a iconográfica, além de ser virtualmente impossível não lidar com questões advindas de seu estudo.

Em segundo lugar, além de sua abundância, a comparação sistemática entre fontes visuais antigas e textos bíblicos coopera no preenchimento da lacuna entre palavras ancestrais e seus referentes. Muitos(as), infelizmente, ainda tr(aduz)em os textos bíblicos harmonizando-os ao seu próprio mundo e cosmovisão (KEEL; UEHLINGER, 1998, p. 395). Embora disseminada, a prática fomenta anacronismos e induz intérpretes ao erro. O uso de imagens pode, nesse sentido, complementar ou, em certos casos, corrigir nossa compreensão de termos bíblicos (SCHROER; STAUBLI, 2003, p. 30). Por isso, estudiosos(as) têm defendido a integração de fontes visuais à exegese histórico-crítica (HULSTER, 2009; HULSTER; STRAWN; BONFIGLIO, 2015). A “exegese iconográfica” ganhou recentemente “um lugar na mesa de métodos bem aceitos para estudar a Bíblia Hebraica” (BONFIGLIO, 2016, p. , minha tradução) e, embora plural em abordagens, tem cooperado à renovação da história (+da religião) sul levantina antiga (KLEIN CARDOSO, 2021b, 2023a).

Em terceiro lugar, por passarem por processos de produção, circulação e recepção distintos de artefatos e produções literárias, artefatos visuais informam sobre aspectos históricos, sociais e culturais distintos que, muitas vezes, são

omitidos em textos. Esse é o caso, p.ex., de experiências de grupos vitimados por estruturas “*kiriárquicas*”⁵ (SCHROER, 2008a). É importante considerar que a “voz do grupo de escritores bíblicos não representa a voz da religião da terra, mas, antes, é uma voz dissidente que, ancorada na tradição da profecia bíblica, é patriarcal” (SCHROER, 2021a, p. 50, minha tradução). Assim, haja vista terem trajetórias (“biografias”) distintas dos textos bíblicos, vestígios visuais ajudam a ver outras facetas da vida social antiga que não aparecem ou apenas surgem implícitas nos textos bíblicos. Dada a variedade de formas que injustiças e opressões podem assumir, é razoável considerar seus impactos em diferentes formas de expressão. A utilização de imagens, nesse sentido, tem o potencial de evidenciar tensões entre o dito e o não-dito em textos bíblicos. Ademais, por sua forma distinta de criar sentido, imagens são uma alternativa à lógica logo/etnocêntrica ocidental. Assim, imagens podem ser concebidas ferramentas alternativas a dos “senhores”, para dismantelar suas casas (LORDE, 1983; veja TLOSTANOVA, 2023, p. 150).

Como interpretar imagens?

Perceber a importância de imagens não desobriga a proceder com cautela e critério em sua interpretação. Assim como textos bíblicos, interpretar imagens requer um método crítico e diferenciado para considerar e corrigir as múltiplas dificuldades inerentes à tarefa. Os métodos mais comuns da “iconografia bíblica” e “exegese iconográfica” são inspirados no método de Panofsky (BERLEJUNG, 2012, p. 52–57; HULSTER; STRAWN; BONFIGLIO, 2015, p. 32–38; KLEIN CARDOSO, 2021b, p. 12–16). A “iconologia” é um método qualitativo de análise e interpretação de conteúdo visual que utiliza diversos fios para capturar o que uma imagem significa em seu período (MÜLLER, 2011, p. 285–286). Em três passos (“pré-iconográfico”, “iconográfico”, “iconológico”), ela baliza interpretações através da comparação de, respectivamente, estilo, tipos e símbolos com outras imagens do mesmo contexto histórico-cultural (PANOFSKY, 1991, p. 6–65).

Um cuidado a ser tomado na iconografia, especialmente no tópico ao qual esse artigo se dedica, é de não reduzir imagens a rótulos fixos ou estanques. Esse é um erro comum da prática de interpretação de deuses e deusas do “mundo bíblico”, haja vista praticada em contextos acadêmicos textocêntricos. Em outras palavras, pela pressuposição que imagens produzam significados da mesma forma que textos, muitos(as) entendem que cada imagem aponta para um referente fixo e imutável. Embora tal pressuposição seja também incorreta na interpretação de textos, ela é mais problemática na interpretação de imagens⁶.

⁴ O neologismo, cunhado por Fiorenza, combina os termos gregos *kyrios* (senhor, mestre de escravos, pai, marido, homem de elite) e *archein* (governar, dominar) para descrever o dispositivo piramidal de opressão/violência. Assim, ele não denota apenas discriminação de gênero, mas também de classe, raça, etnia e imperial/colonial (veja SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 9–15).

⁵ O referente ou, segundo a terminologia de Peirce, objeto do signo não é necessariamente um objeto empíri-

Enquanto códigos verbais (“textos”) e não-verbais (inclusas “imagens”) sejam polissêmicos, a forma distinta como produzem sentido faz com que imagens favoreçam sobreposições de sentidos, enquanto textos apontem para sentidos mais inequívocos. Por isso opto por descrever “padrões de representação de deusas”, ao invés de “descrever e nomear deusas”. Isso é particularmente necessário no estudo de deusas, já que, no antigo oriente, “os tipos de revelação de divindades são primários [...], os nomes, porém, são secundários” (SCHROER, 2008b, p. 150). Assim, ao apontar padrões de representação, eu deixo aberta a possibilidade de múltiplas identidades das divindades representadas, ao invés de encerrá-las sob um rótulo único e inequívoco.

Deformações: reflexões hermenêuticas

O estudo de deusas do “mundo bíblico” é particularmente propenso a controvérsias. Atribuo tal propensão às expectativas ideológicas e teológicas projetadas sobre o assunto. Nessa sessão, me ocupo das principais problemáticas— ou “deformações” —no estudo contemporâneo de deusas para explicitar as tensões hermenêuticas presentes na tarefa.

Hermenêuticas do “feminino”

As discussões acadêmicas sobre divindades da Ásia Ocidental e Mediterrâneo Oriental antigo está embebida de modelos binários e redutivos de gênero que impõem preconceitos ao passado (STAVRAKOPOULOU, 2017)⁶. Embora teorias contemporâneas também incorram no risco de projetar ideias ao passado, a problematização de gênero é necessária para reduzir o efeito de tais preconceitos interpretativos (BUDIN, 2020).

Uma problemática comum é a redução do feminino a um único e inequívoco estereótipo. Contudo, “desde sempre houve mais de um conceito de ‘feminilidade’, e desde sempre pôde se compreender ‘feminilidade’ ou ‘ser mulher’ sob aspectos muito diferentes e parcialmente contraditórios” (UEHLINGER, 2019b, p. 10). Para evitar tal reducionismo, é importante ter em mente que papéis de gênero, identificação de gênero, orientação sexual e prática sexual são formados a partir do entrelaçamento e interação entre diferentes aspectos biológicos, ambiente social, consciência individual e experiência corporal, sem que nenhum deles tenha precedência sobre os outros (NISSINEN, 1998, p. 1). Essa perspectiva evita distinguir, de forma simplista, natureza/cultura e sexo/gênero, além de possibilitar o questionamento da associação *a priori* entre papéis

co. Ele pode, portanto, ser algo “inimaginável” (NÖTH; SANTAELLA, 2017, p. 2–). Assim, a interpretação, segundo o semiólogo, resulta numa série infinita de interpretantes, que gera uma semiose ilimitada (ECO, 198, p. 39).

⁶ Preconceito de gênero não afetam apenas objetos de estudo, mas também sujeitos (STAVRAKOPOULOU, 2017).

de gênero e identificação de gênero⁸. Em outras palavras, é necessário evitar essencializar papéis e identidades de gêneros via projeção de perfis tidos como “ideais” ou “representativos”.

A interpretação iconográfica de gênero traz problemas particulares. Geralmente, corpos femininos e masculinos são identificados via percepção de características ginecofórmicas ou via associação iconográfica. Com relação à identificação ginecofórmica, é importante distinguir entre casos ambíguos e não ambíguos. Nem todas as figuras do passado têm gêneros facilmente identificáveis, seja por opção de produtores(as), estilo ou desgate. Nesses casos, é importante não considerar que essas representações são “masculinas até que se prove o contrário” (BIERMANN, 2023). Quando há características anatômicas discerníveis, é importante resistir ao impulso de reduzir a representação à anatomia. Em outras palavras, embora seja comum reduzir corpos femininos a “potencialidades biológicas”, a presença de características ginecofórmicas não significa necessariamente “fertilidade”, “reprodução” e/ou “maternidade” (STAVRAKOPOULOU, 2017, p. 500). Isso seria essencializar o feminino e ignorar que sociedades antigas atribuíam outros significados a representações visuais (BUDIN, 2002). Ademais, é importante ressaltar que nem toda representação feminina remete a uma deusa. Assim, “encontrar implícita uma espécie de ideia primordial de ‘feminino’, ‘maternal’ e ‘divino’ por trás de todos os variados tipos de imagens femininas que abrangem várias culturas e milênios parece uma projeção utópica da concepção monoteísta do divino” (SCHROER, 2021b, p. 11, minha tradução). É, portanto, fundamental considerar como cenas e atributos se manifestaram em diferentes mídias e períodos para a interpretação histórico-religiosa apropriada.

Com relação à associação de temas iconográficos a gêneros humanos via comparação, é importante ressaltar que embora haja continuidade de séculos ou, mesmo, milênios de temas iconográficos, esses temas não necessariamente significaram o mesmo durante toda sua existência e em todas as suas instanciações. Em outras palavras, não é porque um tema foi associado a mulheres em um período, que ele o foi no período seguinte. Também é importante apontar que “as deusas não se limitam ao mundo social das mulheres” (HULSTER, 2015, p. 79). Em outras palavras, deusas não eram exclusivamente cultuadas por mulheres e nem deuses por homens (veja sessão abaixo). A inscrição de Khirbet el-Qom (CROATTO, 2000, p. 33), p.ex., associa a benção de *yhwh* e Aserá a um *homem* nobre (ZEVIT, 2001, p. 359–370) e, enquanto a menção a *yhwh* soa protocolar, Aserá é agente de salvação, emprestando poder e nome à proteção da tumba (SCHMIDT, 2016, p. 158–162).

⁸ P.ex., “o papel feminino de um homem não tem necessariamente a ver com homossexualidade, e a própria orientação homossexual de um homem não gera aparência ou comportamento feminino” (NISSINEN, 1998, p. 13, minha tradução).

Hermenêuticas do “divino”

A essencialização do feminino é reforçada pela “monoteização” da religiosidade israelita/judaíta antigas. Isso ocorre na singularização de “Deus” (*yhwh*) e da “Deusa” (Aserá?). Embora não haja espaço para discutir aqui as teses sobre o surgimento do monoteísmo⁸, é importante apontar para a ênfase desproporcional às origens da divindade masculina principal (FLEMING, 2021; FLYNN, 2020; LEWIS, 2020; OORSCHOT; WITTE, 2017; RÖMER, 2015) e para o tom polêmico e reducionista da discussão da divindade feminina principal (DEVER, 2005; mas veja FREVEL, 1995; HADLEY, 2000; THOMAS, 2016, 2017). Não é minha intenção reduzir a importância desses estudos, que contribuíram de forma ímpar ao estudo dessas divindades. Minha questão é: haja vista o conceito de monoteísmo ser relacional (FREVEL, 2013, p. 3), não seria apropriado estudar o monoteísmo de forma relacional? Em outras palavras, ao invés de repetir a origem de *yhwh* ou questionar o “estado civil” de Aserá, não seria prudente avaliar origens, desenvolvimentos, interdições e extinções de cultos de todas as divindades cultuadas em Judá e Israel (p.ex., Aserá, Anate, Baal, “Rainha do Céu”, Resefe, Sabedoria) (p.ex., KEEL; UEHLINGER, 1998; SMITH, 2008)? A monolatrização diz mais sobre subjetividades e ideologias de pesquisadores(as) do que sobre o passado.

As evidências também apontam para o fato de que a religião de Israel e Judá admitia outras divindades além das “nacionais”¹⁰. Embora limitados, textos (p.ex., Ex 20.3-5//Dt 5.7-9; Sl 82.1; veja BECKING, 2020) e nomes bíblicos atestam para crenças em outras divindades além de *yhwh* (PIKE, 1990; ZEVIT, 2001, p. 60). Na epigrafia, enquanto 68% dos nomes sejam relacionados a *yhwh*, há outras divindades masculinas aparecem, como *mlk*, Ba‘al, Šamaš, Šalim e Šaḥar e Mot (ALBERTZ; SCHMITT, 2012, p. 339–352; SCHMITT, 2020, p. 29) e, apesar do número restrito, deusas surgem através de seus títulos e, ocasionalmente, por seus nomes. *’Aḥīmalkāh* (“meu irmão é Rainha”), p.ex., pode referir a uma “deusa maior” (p.ex., Aserá, Astarte, Istar), enquanto *Ben ‘ānat* (“filho de/criado por Anate”) a Anate. Nisso, é curioso que deusas são mais associadas a nomes *masculinos*, enquanto, na maioria dos casos em que uma mulher é identificada, a deidade referida é masculina (ALBERTZ; SCHMITT, 2012, p. 363–367). Assim, a partir da evidência epigráfica, Albertz sugeriu ser melhor distinguir entre diferentes tipos de politeísmo do que entre “monoteísmo” e “politeísmo” (ALBERTZ; SCHMITT, 2012, p. 33). Quanto à iconografia, a situação é ainda mais límpida: “não há dúvida de que tanto Israel quanto Judá presumiam a existência de outras divindades além de Javé; ambos presumiam que elas eram ativas e acreditavam que havia outros demônios, criaturas híbri-

⁸ Há hipóteses a partir da exegese (p.ex., REIMER, 2009, p. 0–52), epigrafia (p.ex., ROLLSTON, 2003), iconografia (KEEL, 2017; UEHLINGER, 2019a, p. 117–120) e de perspectiva feminista (SCHROER, 2008b, p. 18–152).

⁹ A designação étnico-territorial é problemática em muitos aspectos (veja PORZIA, 2018).

das, poderes e forças além de Javé” (KEEL; UEHLINGER, 1998, p. 280, minha tradução).

O estudo de *yhwh* é, também, indevidamente “monoteizado”. Além da evidência iconográfica, que aponta pra diferentes figurações (BERLEJUNG, 2017, p. 88–90; KLEIN CARDOSO, 2020, p. 28–3), em Judá, nomes javistas utilizavam o teóforo *yhw* ou *yh*, enquanto em Samaria *yw* (GOLUB, 201). A pergunta a ser feita é: esses Javés eram considerados uma mesma divindade? Enquanto há tendência de interpretar *yhwh* de forma integrativa, p.ex., nas inscrições de Kuntillet ‘Ajrud (CROATTO, 2000, p. 33–3; SMOAK; SCHNIEDEWIND, 2019, p. 5–6), também há espaço para pensar em um “polijavismo” (LEUENBERGER, 2021, p. 18). Nesse sentido, por analogia, é possível concluir que “assim como [...] neoassírios consideravam Istar-de-Nínive distinta de Istar-de-Arbela ou como os fenícios consideravam Baal-Sidon distinto de Baal-Safon, os israelitas politeístas consideravam *yhwh*-de-Samaria distinto de *yhwh*-de-Temã” (ALLEN, 2015, p. 316, minha tradução). Com isso, resalto a importância da não monolatrizar *a priori* as divindades sul levantinas antigas.

Hermenêutica de “deusas”

Por fim, é importante questionar a razão pela qual nos perguntarmos sobre as deusas do “mundo bíblico”. Será que pressupomos que o entendimento das relações de gênero das deusas enxergaremos com mais clareza concepções antigas de gênero? Apesar de divindades antigo-orientais serem, de fato, representadas com características humanas (i.e., antropomorficamente) e se relacionarem de forma análoga a sociedades humanas (i.e., sociomorficamente) (UEHLINGER, 2022), elas eram imaginadas além da esfera e dimensão humanas. Assim, elas não espelham *necessariamente* ideias de gênero humanas (ZSOLNAY, 2009). Portanto, não devemos pressupor que os padrões de representações divinos forneçam padrões de gênero supostamente “normativos” no passado.

A iconografia das deusas sul levantinas

Passo agora a apresentar tipos frequentes de representação iconográfica de deusas. Haja vista o enfoque no Período do Ferro, devo ressaltar que há uma redução na representação iconográfica de deusas entre os períodos do Bronze Tardio/Ferro I (1550-1130/1130-950 aEC) enquanto que, no Ferro II (c. 950-650 aEC), deuses e deusas deixam de ser representados em forma humana (KEEL; UEHLINGER, 1998, §109-111). Nisso, apesar do desenvolvimento anterior apontar para uma patriarcalização da religião israelita/judaíta (OTTERMANN, 2006, p. 11–1), o ulterior também pode ter relação com a regressão do domínio egípcio sobre Canaã e suas marcas na sociedade e imaginário locais (KOCH, 2021). Isto posto, a supressão de representação *antropomórfica* de deusas não

significa sua extinção, mas outras estratégias de representação, como sua representação via atributos. Por essa razão, também descrevo algumas imagens desse período de transição.

Sexualidade, vegetação, reprodução

O tipo mais proeminente de deusa na Palestina antiga é, provavelmente, a “deusa nua”. Essa figuração possui diversas manifestações, em diferentes locais e períodos (panorama em UEHLINGER, 1998). Sua figuração, nesse sentido, se desenvolve entre uma representação simples, atrelada a ramos no Bronze Médio (**Fig. 1a**), para uma mais complexa e com cultuantes no Ferro III (**Fig. 2b**).

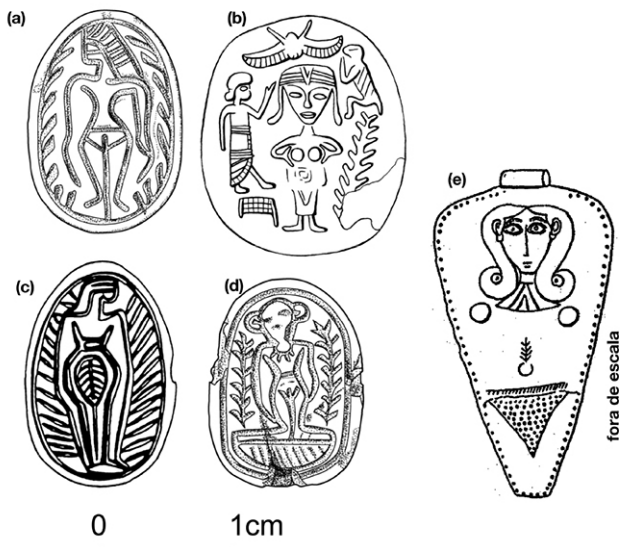


Fig. 1a-e. Fonte: (a) CSSL Lachish 282; (b) Lachish 171; (c) CSSL Aphek 21; (d) CSSL Lachish 33; (e) Keel; Uehlinger 1998, Fig. 49

Um tipo importante é a chamada “deusa-árvore” ou “deusa dos ramos”. Árvores artificiais ou naturais são cultuadas desde o final do quarto milênio aEC até hoje no sul do Levante (KEEL, 1998; ZIFFER, 2010). Assim, desde muito cedo elas foram associadas a deusas cujo domínios abrangiam terra, sexualidade, vegetação e reprodução. A conexão íntima entre esses elementos transparece no entrelaçamento visual de partes de corpos femininos, vegetais e animais apontam para a “personificação do poder da terra frutífera” (OTTERMANN, 2006, p. 11). Essa representação, conhecida desde o Calcolítico (c. 6000-3800 aEC) (SCHROER, 2021b; ZIFFER, 2010, p. 11–12), se materializa na “deusa nua entre ramos” do período do Bronze Médio (c. 2000-1550 aEC). Um exemplo desse tema pode ser visto em um escaravelho encontrado em Afec, que carrega na base a ilustração de uma mulher nua, cuja silhueta se desenha com

ramos, enquanto o triângulo púbico também é uma folha de árvore (**Fig. 1c**). Os artefatos em miniatura nos quais essas deusas foram inscritas sugerem intimidade com os cultuantes. Isso também é visto na variação que tem uma deusa com orelhas protuberantes e olhos fixos no(a) observador (a) (SCHROER, 1989, p. 130–131) (**Fig. 1d**). A mesma fusão ocorre em alguns pingentes encontrados em Tell el-‘Ajjul, cujo formato de pera também funciona como torso (**Fig. 1e**). Esse modelo foi encontrado em camadas da transição entre Bronze Tardio e Ferro (veja, p.ex., WEISSBEIN et al., 2016, No.)¹⁰. Neles, a cabeça da mulher aparece acima, trajada com a peruca de Hator e, abaixo, dois círculos remetem aos seios, enquanto o triângulo púbico, à semelhança de imagens do Calcolítico, é formado por ramos. Essa figuração possui, por um lado, apelo sexual e conotação erótica (ZIFFER, 2010, p. 13–1) e, por outro, representa o poder da deusa para garantir reprodução e vida (BUDIN, 2016).

Nascimento, reprodução e nutrição

Uma constelação próxima à “deusa árvore” é aquela que mostra a “deusa nua” associada a outras criaturas. Deusas, nessa figuração, eram “mães de todos os seres vivos” (*’ēm kol-hāy*, Gn 3.20), possuindo características eróticas e de nutrição (KEEL, 2012, p. 32). A combinação de deusa nua, triângulo púbico e cabritos monteses é frequente (ZIFFER, 2010 Figs. 1, 5-6). No Período do Ferro IIB (c. 775-650 aEC), próximo ao deserto do Sinai, tal combinação surge em Kuntillet ‘Ajrud (**Fig. 2a**). Na cena, dois cabritos se alimentam de uma árvore da vida. A substituição da deusa ou triângulo púbico pela árvore é clara pela sintaxe da cena, que centraliza dois cabritos e a aloca acima de um leão. O tema também surge em estatuetas de terracota, que substituem selos como mídia de representação de deusas no Ferro (SCHROER, 2021c, p. 91–92) e em modelos de templo. Um desses modelos, encontrados em Yavne, em uma *favissa* do final do Período do Ferro IIA (c. 875-775 aEC), tem como duas mulheres nuas como colunas na mesma postura da antiga deusa nua canaanita e trazem, também, cabritos monteses se alimentando (**Fig. 2b**).

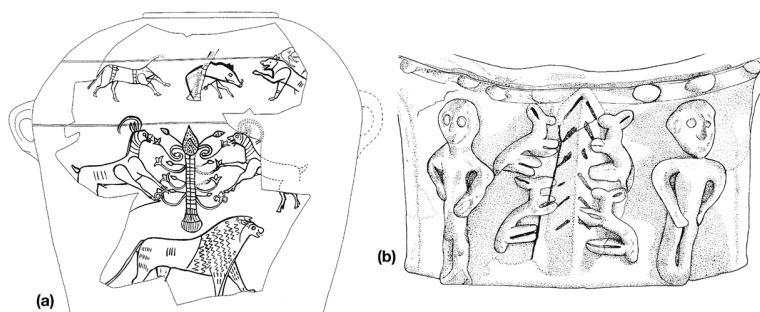


Fig. 2a-b. Fonte: (a) IPIAO 1577; (b) IPIAO 1201.

¹⁰ Para explorações mais abrangentes, veja Schroer (2005-2018) e Keel e Uehlinger (1998). Sobre essas obras, veja Klein Cardoso (2022).

Uma estatueta encontrada em Revadim e origem no Período do Bronze Tardio apresenta uma interessante combinação de temas, que mostram a extensão semântica desse tipo de representação (**Fig. 3**). A estatueta ilustra uma mulher nua, com seios e umbigos aparentes, abrindo a vulva. Seus cabelos caem sobre o corpo e abaixo de seus seios estão duas figuras humanas. Nos braços e pescoço ela possui ornamentos, um deles com o formato da letra Ômega, que remete ao ventre materno. Ela traz em cada uma das pernas cabritos monteses se alimentando de uma árvore (KEEL; UEHLINGER, 1998, §; SCHROER, 2018, p. 280; ZIFFER, 2010, p. 15–16). Enquanto parece certo de que a figura tenha ligação com partos, pela abertura da vulva e expressão de dor, alguns opinam se tratar de figura humana não divina. O artefato, assim, seria apotropaico para o parto de gêmeos (ORNAN, 2007). A confluência de símbolos, contudo, parece apontar para figura divina.

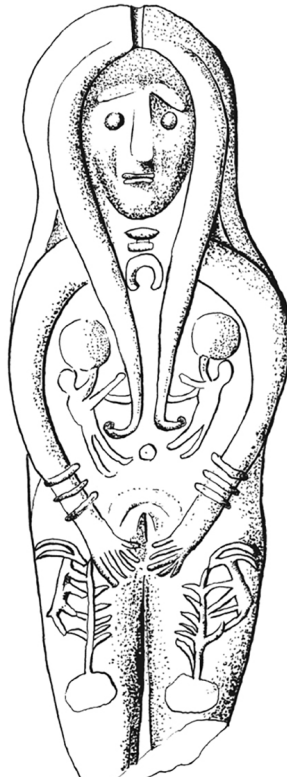


Fig. 3. Fonte: IPIAO 828.

Maternidade, cuidado, nutrição

Enquanto o aspecto materno e de cuidado de deusas surge nas constelações acima, ela aparece mais claramente no período do Ferro I-IIA (c. 1050-775 aEC) no tema dos “caprinos amamentando sob Escorpião”. Esse tema, que

remete à proteção divina sobre rebanhos, geralmente é composto por quatro elementos: (1) um quadrúpede com chifres; (2) um quadrúpede menor entre as patas do animal maior; e (3) a Constelação de Escorpião (**Fig. a-e**). Enquanto o tema reflete a inexorável ligação entre lactante e mãe, conhecida da iconografia egípcia e síria, ela inova ao acrescentar Escorpião. A visão da constelação no céu de setembro marcava o início das chuvas e sementeira. Assim, rebentos do período tornavam-se mais fortes, por desfrutarem pastos verdes na primeira infância (STAUBLI, 2009). O tema é marcante na religiosidade canaano-israelita e ressoa em bênçãos e proibições bíblicas (KEEL, 1980). A sacralidade de tal figuração também transparece na deposição de alguns desses selos junto a objetos de culto¹². O selo de Qeiyafa (**Fig. c**) foi encontrado junto a um altar de basalto e o de Rehov (**Fig. d**) com outros objetos cúlticos, como um “modelo de templo”.

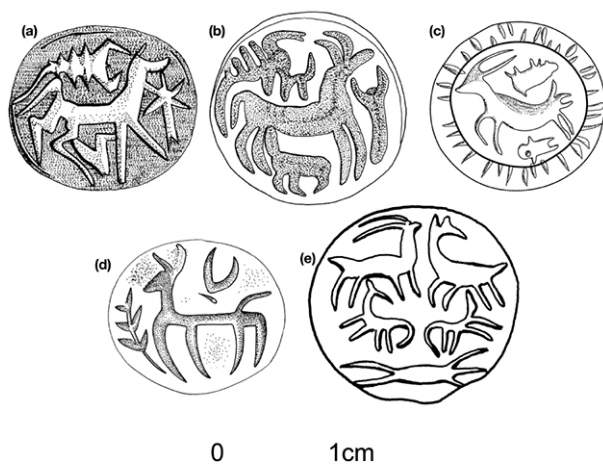


Fig. a-e. Fonte: (a) CSSL Tell Keisan 12; (b) CSSL Megiddo 282; (c) CSSL Khirbet Qeiyafa 8; (d) CSSL Rehov 10; (e) CSSL Nasbeh 70.

Guerra, violência, erotismo

Deusas também são associadas à guerra, violência e erotismo. Mesmo em períodos em que cavalos eram aparentemente apenas utilizados para tração de carruagens, deusas surgem montadas (SCHROER, 2008a, p. 6–10). A postura dessas deusas é geralmente ameaçadora, tendo em mãos uma lança ou arco e flecha. Um selo de Tel Motza, ao norte de Jerusalém, mostra uma figura humana cavalgando e com um arco na mão que parece ser uma deusa (**Fig. 5a**). Embora não haja características anatômicas que assegure tratar-se de uma figura feminina, um selo de Tell el-Far‘a Sul, com motivo similar (**Fig. 5b**), além de outras imagens egípcias, parecem confirmar a interpretação (veja CORNELIUS,

¹¹ Para estratégias de atribuição de religiosidade a objetos, veja Klein Cardoso (2023b).

2008). A deusa montada geralmente surge acompanhada de motivos vegetais e, em certos casos, com um pássaro, provavelmente uma pomba, como ocorre num selo antropomórfico encontrado em Aco (**Fig 5c**). Dada a tendência de evitar antropomorfia no Ferro IIA, a pomba substitui a deusa em alguns dos casos (**Fig. 5d**) (KEEL; UEHLINGER, 1998, §86).

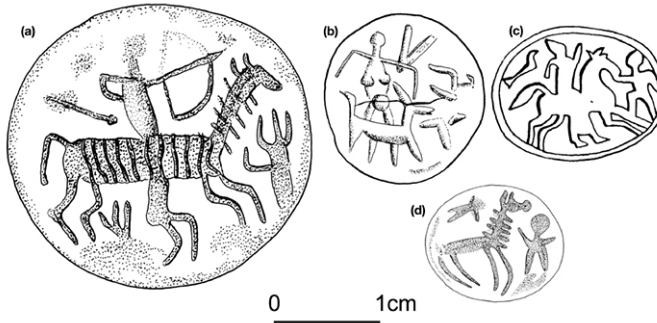


Fig. 5a-d. Fonte: (a) CSSL Tell Motza 2; (b) CSSL Tell el-Far'a Sul 256; (c) CSSL Tell Acco; (d) CSSL Lachish 126.

Poder, astros, estrelas

Com a presença e influência assíria no sétimo século, mais elementos ligados aos astros celestes passam a ser encontrados na iconografia da região. Ishtar é claramente identificada em alguns selos de estampar e cilíndricos desse período. Em um deles, ela surge com uma coroa, túnica com franjas e uma espada em sua cintura (**Fig 6**). Atrás dela, sete pontos retratam as plêiades, enquanto a estrela de Vênus brilha no centro da imagem. Frente a ela está a figura de um adorador (KEEL; UEHLINGER, 1998, p. 171; SCHROER, 2018, p. 600). A imagem mostra o poder astral sobre a noite, assim como demonstra o caráter belicoso e guerreiro de Ishtar, que pode ter sido considerada a “Rainha dos Céus” que surgem no livro de Jeremias (SCHROER, 2021a, p. 56–58).



Fig. 6. Fonte:
(a) CSSL Shechem 86

Conclusão

Com o propósito de descrever as diferentes áreas de atuação das deusas, esse artigo discutiu dificuldades metodológicas e hermenêuticas na interpretação histórico-religiosa sul levantina via iconografia. Com relação à abordagem iconográfica, apesar de seu potencial para notar novas nuances que não são observáveis, estão implícitas ou foram silenciadas em textos bíblicos, ela carece de um método suficientemente diferenciado para superar as dificuldades da tarefa. Com relação às tensões hermenêuticas, foi enfatizada a necessidade de uma abordagem que não essencialize o feminino ou monolatrise o divino, evitando, assim, a projeção de preconceitos ao passado. Na sequência, sem a pretensão de abrangência, o artigo apresentou a multiforme atuação de deusas sul levantinas antigos no Período do Ferro através de seus respectivos tipos e domínios. Foram escolhidos cinco conjuntos de conceitos: (1) sexualidade, vegetação, reprodução; (2) nascimento, reprodução, nutrição; (3) maternidade, cuidado, nutrição; (4) guerra, violência, erotismo; e (5) poder, astros, estrelas. Estes temas, que não representam a totalidade de atuação de deusas na região e período, mostram tanto a onipresença de deusas em diversas áreas da vida, quanto seus papéis, identificações e orientações sociais diversas e parcialmente divergentes, que demonstram a riqueza da concepção desses seres.

Referências

- ALBERTZ, Rainer; SCHMITT, Rudiger. **Family and household religion in ancient Israel and the Levant**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012.
- ALLEN, Spencer L. **The splintered divine: a study of Ištar, Baal, and Yahweh divine names and divine multiplicity in the ancient Near East**. Boston: De Gruyter, 2015.
- BECKING, Bob. More Than One God? Three Models for Construing the Relations Between YHWH and the Other Gods. Em: CORNELL, C. (Ed.). **Divine Doppelgängers: YHWH's Ancient Look-Alikes**. Pennsylvania: Penn State University Press, 2020. p. 60–76.
- BERLEJUNG, Angelika. Sources and methods. Em: GERTZ, J. C. et al. (Eds.). **T&T Clark Handbook of the Old Testament**. New York: T&T Clark, 2012. p. 1–58.
- The Origins and Beginnings of the Worship of YHWH: The Iconographic Evidence. Em: VAN OORSCHOT, J.; WITTE, M. (Eds.). **The Origins of Yahwism**. Berlin: De Gruyter, 2017. p. 67–92.
- BIERMANN, Bruno. 'Male until Proven Otherwise'? Searching for Women with the Help of Inscribed Stamp Seals from Jerusalem. **Near Eastern Archaeology**, v. 86, n. , 2023.

- BONFIGLIO, Ryan P. **Reading images, seeing texts: towards a visual hermeneutics for biblical studies**. Fribourg, CH; Gottingen: Academic Press, 2016.
- BONNET, Corinne et al. Introduction. Em: GALOPPIN, T. et al. (Eds.). **Naming and Mapping the Gods in the Ancient Mediterranean: Spaces, Mobilities, Imaginaries**. Berlin: De Gruyter, 2022. p. 1–9.
- BUDIN, Stephanie L. Creating a goddess of sex. Em: BOLGER, D.; SERWINT, N. J. (Eds.). **Engendering Aphrodite: women and society in ancient Cyprus**. Boston: ASOR, 2002. p. 315–32.
- Reduced to Her Bare Essentials: Bronze Age Piriform Pendants in the Levant. **Near Eastern Archaeology**, v. 79, n. 3, p. 166–173, 2016.
- Sex and Gender and Sex. **Mare Nostrum**, v. 11, n. 1, p. 1–59, 28 set. 2020.
- CORNELIUS, Izak. **The Many Faces of the Goddess: The Iconography of the Syro-Palestinian Goddesses Anat, Astarte, Qedeshet, and Asherah c. 1500-1000 BCE**. Fribourg, CH; Gottingen: Academic Press; Vandenhoeck & Ruprecht, 2008.
- CROATTO, Jose Severino. La diosa Ashera en el antiguo Israel: el aporte epigrafico de la arqueologia. **RIBLA**, v. 38 (Religion y Erotismo), n. 1, p. 29–39, 2000.
- DEVER, William G. **Did God have a wife?** Archaeology and folk religion in ancient Israel. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.
- DOHMEN, Christoph. **Das Bilderverbot: Seine Entstehung und seine Entwicklung im Alten Testament**. 2. ed. Frankfurt: Athenaum, 1987.
- ECO, Umberto. **Conceito de texto**. Sao Paulo: USP, 198.
- FLEMING, Daniel E. **Yahweh before Israel: Glimpses of History in a Divine Name**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.
- FLYNN, Shawn W. **A story of YHWH: Cultural Translation and Subversive Reception in Israelite History**. London: Routledge; Taylor & Francis, 2020.
- FREVEL, Christian. **Aschera und der Ausschließlichkeitsanspruch YHWHs**. Beitrage zu literarischen, religionsgeschichtlichen und ikonographischen Aspekten der Ascheradiskussion. Weinheim: Beltz Athenaum, 1995.
- Beyond monotheism? Some remarks and questions on conceptualising ‘monotheism’ in Biblical Studies. **Verbum et Ecclesia**, v. 3, n. 2, p. 1–7, 5 set. 2013.
- GOLUB, Mitka. The Distribution of Personal Names in the Land of Israel and Transjordan during the Iron II Period. **Journal of the American Oriental Society**, v. 13, n. , p. 621–62, 201.
- HADLEY, Judith M. **The Cult of Asherah in Ancient Israel and Judah: Evidence for a Hebrew Goddess**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

- HALLOTE, Rachel. *The Southern Levant and the Ancient Near Eastern Canon*. Em: GANSELL, A. R.;
- SHAFER, A. (Eds.). **Testing the Canon of Ancient Near Eastern Art and Archaeology**. New York: Oxford University Press, 2020. p. 5–65.
- HULSTER, Izaak J. de. **Iconographic exegesis and Third Isaiah**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.
- . Goddess (I. Ancient Near East and Hebrew Bible/ Old Testament). Em: ALLISON, D. C., Jr, et al. (Eds.). **Encyclopedia of the Bible and its Reception**. Berlin: De Gruyter, 2015, V. 10, p. 783–785.
- HULSTER, Izaak J. de; STRAWN, Brent A.; BONFIGLIO, Ryan P. Introduction: Iconographic Exegesis, method and practice. Em: HULSTER, I. J. DE; STRAWN, B. A.; BONFIGLIO, R. P. (Eds.). **Iconographic Exegesis of the Hebrew Bible/Old Testament: An Introduction to Its Method and Practice**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015. p. 19–2.
- KEEL, Othmar. **Das Böcklein in der Milch seiner Mutter und Verwandtes: Im Lichte eines altorientalischen Bildmotivs**. Fribourg, CH; Göttingen: Universitätsverlag; Vandenhoeck & Ruprecht, 1980.
- . **Goddesses and trees, new moon and Yahweh: ancient Near Eastern art and the Hebrew Bible**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- . Paraphernalia of Jerusalem Sanctuaries and Their Relation to Deities Worshipped Therein during the Iron Age IIA-C. Em: KAMLAH, J.; MICHELAU, H. (Eds.). **Temple building and temple cult: architecture and cultic paraphernalia of temples in the Levant (2.-1. mill. B.C.E.): proceedings of a conference on the occasion of the 50th anniversary of the Institute of Biblical Archaeology at the University of Tübingen (28-30 May 2010)**. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2012. p. 317–32.
- . **Jerusalem and the One God: A Religious History**. Minneapolis: Fortress Press, 2017.
- KEEL, O.; UEHLINGER, C. **Gods, goddesses, and images of god in ancient Israel**. Tradução: Thomas H. Trapp. Edinburgh: T&T Clark, 1998.
- KLEIN CARDOSO, Silas. Culturas materiais e visuais das religiões do livro: o caso do “Antigo Israel”. Em: MENDONÇA, K. M. L.; RENDERS, H.; HIGUET, E. A. (Eds.). **Religião e Cultura Visual no Brasil: desafios e métodos**. Belém: EDUEPA, 2020. p. 23–51.
- . Para desvendar o mundo bíblico: entre linhas e pressupostos. Em: LEONEL, J.; CARNEIRO, M. DA S. (Eds.). **Para estudar a Bíblia: abordagens e métodos**. São Paulo: Recriar, 2021a. p. 83–111.
- . Exegese Iconográfica: uma brevíssima introdução. **Caminhando**, v. 26, p. 1–26, 2021b.
- . O exegeta como texto: Per/mutações do conceito de religião na História da Religião do Sul do Levante a partir da Escola de Friburgo. Em: SOU-

- ZA, S. D. DE (Ed.). **Ciências da Religião e Teologia: epistemologia, identidade e relações**. São Paulo: Recriar, 2022. p. 201–235.
- The Genesis of Iconographic Exegesis. **Currents in Biblical Research**, v. 21, n. 2, p. 178–217, 2023a.
- Loosening religion. O que torna um artefato “religioso” na história da religião sul-levantina? **Reflexão**, v. 8, n. e23726, 2023b.
- KOCH, I. **Colonial Encounters in Southwest Canaan during the Late Bronze Age and the Early Iron Age**. Leiden: Brill, 2021.
- LEUENBERGER, Martin. Yahweh and His Asherah in the Three Pithoi Inscriptions from Kuntillet ‘Ajrud: A Re-evaluation. Em: VAN DIJK-COOMBES, R. M.; SWANEPOEL, L. C.; KOTZE, G. (Eds.). **From Stone Age to Stellenbosch**. Studies on the Ancient Near East in Honour of Izak (Sakkie) Cornelius. Münster: Ugarit-Verlag, 2021. p. 179–190.
- LEWIS, Theodore J. **The origin and character of God: ancient Israelite religion through the lens of divinity**. New York, NY: Oxford University Press, 2020.
- LORAUX, Nicole. Elogio do Anacronismo. Em: NOVAES, A. (Ed.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 57–70.
- LORDE, Audre. The Master’s Tools Will Never Dismantle The Master’s House: Comments at “The Personal and the Political” Panel (Second Sex Conference, October 29, 1979). Em: MORAGA, C.; ANZALDUA, G. (Eds.). **This Bridge called my back: writings by radical women of color**. 2. ed. New York: Kitchen Table, 1983. p. 98=101.
- MULLER, Marion G. Iconography and Iconology as a Visual Method and Approach. Em: MARGOLIS, E.; PAUWELS, L. (Eds.). **The SAGE handbook of visual research methods**. Los Angeles: SAGE, 2011. p. 283–297.
- NISSINEN, Martti. **Homoeroticism in the biblical world: a historical perspective**. Minneapolis: Fortress Press, 1998.
- NOTH, W.; SANTAELLA, L. **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação**. São Paulo: Paulus, 2017.
- OORSCHOT, Jurgen van; WITTE, Markus (Eds.). **The origins of Yahwism**. Berlin: De Gruyter, 2017.
- ORNAN, Talay. Labor Pangs: The Revadim Plaque Type. Em: BICKEL, S. et al. (Eds.). **Bilder als Quellen / Images as Sources**. Studies on ancient Near Eastern artefacts and the Bible inspired by the work of Othmar Keel. Fribourg, CH; Göttingen: Academic Press; Vandenhoeck & Ruprecht, 2007. p. 215–235.
- OTTERMANN, Monika. A Deusa Inana-Ishtar - uma rival de YHWH? Considerações feministas sobre as Deusas-arvore e o Deus unico da Biblia Hebraica. Em: **Hermenêuticas Bíblicas**. Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. Goiania: UCG; Abib, 2006. p. 136–17.

- PANOFISKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3. ed. Sao Paulo: Perspectiva, 1991.
- PIKE, Dana M. **Israelite theophoric personal names in the Bible and their implications for religious history**. Tese de doutorado (Oriental Studies)—Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1990.
- PORZIA, Fabio. “Imagine There’s no Peoples”. A Claim against the Identity Approach in Phoenician Studies through Comparison with the Israelite Field. **Rivista di Studi Fenici**, v. 6, p. 11–27, 2018.
- REIMER, Haroldo. **Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico**. Sao Leopoldo: Oikos, 2009.
- ROLLSTON, Christopher. A. The Rise of Monotheism in Ancient Israel: Biblical and Epigraphic Evidence. **Stone-Campbell Journal**, v. 6, p. 95–115, 2003.
- ROMER, Thomas. **The Invention of God**. Cambridge: Harvard University Press, 2015.
- SCHMIDT, Bryan B. **The Materiality of Power**: explorations in the social history of early Israelite magic. Tübingen: Mohr Siebeck, 2016.
- SCHMITT, Rudiger. **Die Religionen Israels/Palästinas in der Eisenzeit**: 12.-6. Jahrhundert v. Chr. Munster: Zaphon, 2020.
- SCHROER, Silvia. **In Israel gab es Bilder**: Nachrichten von darstellender Kunst im Alten Testament. Freiburg, Switzerland / Gottingen, Germany: Universitätsverlag / Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.
- . Die Göttin auf den Stempelsiegeln aus Palästina/Israel. Em: KEEL, O.; KEEL-LEU, H.; SCHROER, S. (Eds.). **Studien zu den Stempelsiegeln aus Palästina/Israel Band II**. Freiburg, Switzerland; Gottingen: Universitätsverlag; Vandenhoeck & Ruprecht, 1989. p. 89–207.
- . Gender and Iconography from the Viewpoint of a Feminist Biblical Scholar. **Lectio difficilior**, n. 2, 2008a.
- . A caminho para uma reconstrução feminista da história de Israel. Em: SCHOTTROFF, L.; SCHROER, S.; WACKER, M.-T. (Eds.). **Exegese Feminista**. Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres. Sao Leopoldo: Sinodal, 2008b. p. 83–159.
- . **Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient (=IPIAO)**. Eine Religionsgeschichte in Bildern I-IV. Fribourg, CH: Schwabe, 2005-2018.
- . Cult and War: Contributions of Iconography to a Gender-Oriented Exegesis of Prophecy. Em: CLAASSENS, L. J.; FISCHER, I. (Eds.). **Prophecy and gender in the Hebrew Bible**. Atlanta: SBL Press, 2021a. p. 7–73.
- . Were goddesses already worshipped in the early Chalcolithic Period? Em: VAN DIJK-COOMBES, R. M.; SWANEPOEL, L. C.; KOTZE, G. (Eds.). **From Stone Age to Stellenbosch: studies on the Ancient Near**

- East in honour of Izak (Sakkie) Cornelius.** Munster: Zaphon, 2021b. p. 11–17.
- The Continuity of the Canaanite Glyptic Tradition into the Iron Age I–IIA. **Jerusalem Journal of Archaeology**, v. 1, p. 82–502, 18 jun. 2021c.
- SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. **Simbolismo do Corpo na Bíblia.** Sao Paulo: Paulinas, 2003.
- SCHUSSLER FIORENZA, Elizabeth. Introduction: Exploring the Intersections of Race, Gender, Status and Ethnicity in Early Christian Studies. Em: NASRALLAH, L. S.; SCHUSSLER FIORENZA, E. (Eds.). **Prejudice and Christian beginnings:** investigating race, gender, and ethnicity in early Christian studies. Minneapolis: Fortress Press, 2009. p. 1–23.
- SMITH, Mark S. **God in translation:** deities in cross-cultural discourse in the biblical world. Tubingen: Mohr Siebeck, 2008.
- SMOAK, Jeremy; SCHNIEDEWIND, William. Religion at Kuntillet ‘Ajrud. **Religions**, v. 10, n. 3, p. 211, 19 mar. 2019.
- SONIK, Karen. Art/ifacts and ArtWorks: de-Colonizing the Study and Museum Display of Ancient and Non- Western Things. Em: SONIK, K. (Ed.). **Art/ifacts and artworks in the ancient world.** Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2021. p. 1–82.
- STAUBLI, Thomas. Bull leaping and other images and rites of the Southern Levant in the sign of Scorpius. **Ugarit Forschungen**, v. 1, p. 611–630, 2009.
- STAVRAKOPOULOU, Francesca. The ancient goddess, the biblical scholar, and the religious past: re-imagining divine women. Em: SHERWOOD, Y.; FISK, A. (Eds.). **The Bible and feminism:** remapping the field. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 95–513.
- THOMAS, Ryan. The Identity of the Standing Figures on Pithos A from Kuntillet ‘Ajrud: A Reassessment. **Journal of ancient near eastern religions**, v. 16, p. 121–191, 2016.
- The Meaning of asherah in Hebrew Inscriptions. **Semitica**, v. 59, p. 157–218, 2017.
- TLOSTANOVA, Madina. Decoloniality: Between a travelling concept and a relational onto-epistemic political stance. Em: GROGLOPO, A.; SUAREZ-KRABBE, J. (Eds.). **Coloniality and Decolonization in the Nordic Region.** London: Routledge, 2023. p. 15–163.
- UEHLINGER, Christoph. Nackte Gottin (B. In der Bildkunst). Em: EDZARD, D. O. (Ed.) **Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie.** Berlin, New York: De Gruyter, 1998, Vol. 9, p. 53-6.
- Beyond “Image Ban” and “Aniconism”: Reconfiguring Ancient Israelite and Early Jewish Religion’s in a Visual and Material Religion Perspective. Em: MEYER, B.; STORDALEN, T. (Eds.). **Figuration and Sen-**

- sation of the Unseen in Judaism, Christianity and Islam:** Contested Desires. London: Bloomsbury Academic, 2019a. p. 99–123.
- . Companhias incomodas para Jave? Deusas no mundo do Antigo Israel e arredores. **Mandrágora**, v. 25, n. 1, p. 5–31, jul. 2019b.
- . Soziomorphie der Gotterwelt: Überlegungen im Anschluss an ein alt-syrisches Zylindersiegel. Em: BACHMANN, V.; SCHELLENBERG, A.; UEBERSCHAER, F. (Eds.). **Menschsein in Weisheit und Freiheit:** Festschrift für Thomas Krüger. Leuven: Peeters, 2022. p. 11–39.
- WEISSBEIN, Itamar et al. Goddesses from Canaanite Lachish. **Strata**, v. 3, p. 1–55, 2016.
- ZEVIT, Ziony. **The religions of ancient Israel:** a synthesis of parallactic approaches. London: Continuum, 2001.
- ZIFFER, Irit. Western Asiatic Tree-Goddess. **Ägypten und Levante**, v. 20, p. 1–30, 2010.
- ZSOLNAY, Ilona. Do divine structures of gender mirror mortal structures of gender? Em: HOLLOWAY, S.; SCURLOCK, J.; BEAL, R. (Eds.). **In the Wake of Tikva Frymer-Kensky.** Piscataway: Gorgias, 2009. p. 103–120.